

NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE EDUCACIONAL: ESPAÇO DE VISIBILIDADE DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA DA COVID 19

Débora Marques Gomes ¹
Rose Clér Estivaleta Beche ²

INTRODUÇÃO

A UDESC, através do Centro de Educação a Distância/CEAD, desenvolveu várias ações há quase duas décadas no âmbito das Ações Afirmativas. Apesar de não se configurarem como política, estas ações embasaram, juntamente com as legislações vigentes, o que atualmente temos no âmbito da inclusão. Em 2001, em resposta às associações de pessoas com deficiência e aos movimentos sociais criou-se 2 turmas no curso de Pedagogia a Distância, sendo que uma delas direcionada às pessoas cegas e com baixa visão e a outra às surdas e profissionais que já atuavam no contexto da educação desse grupo.

Com a experiência adquirida o CEAD transformou-se no celeiro de programas e projetos de ensino, extensão e pesquisa no âmbito da inclusão, estimulando a contratação de intérpretes de Libras e de professores para ministrar a disciplina, quando esta, a partir da LEI 10436/2002, tornou-se obrigatória. Foi também neste Centro que surgiu o LEdI – Laboratório de Educação Inclusiva e o primeiro Núcleo de Acessibilidade da UDESC. A partir de então, muitas das questões referentes ao processo de inclusão de pessoas com deficiência nessa universidade tiveram o envolvimento e a parceria das professoras que, com a experiência adquirida, apoiaram as ações que culminaram na gestão do projeto para criação do Núcleo de Acessibilidade (NAE), no ano de 2017. Este projeto, coordenado pela Pró-Reitoria de Ensino (PROEN), foi formado por um grupo de professores e técnicos, e teve suas primeiras ações deflagradas em fevereiro de 2018, a partir da Portaria nº 74/UDESC. Este núcleo tem o intuito de realizar acompanhamento dos alunos que são público alvo da educação especial (PAEE), que compreende: pessoas com deficiência, transtornos do espectro do autismo e altas habilidades/superdotação e estudantes com Necessidades Educacionais Específicas (NEE).

¹ Nota 1: Coordenadora do NAC/CEAD da Universidade do Estado de Santa Catarina - SC, debora.gomes@udesc.br. Fim da nota.

² Nota 2: Coordenadora do NAE/UDESC da Universidade do Estado de Santa Catarina - SC, rose.beche@udesc.br. Fim da nota.



A UDESC se constitui de 12 Centros de Ensino divididos em 08 campi distribuídos em todas as regiões de Santa Catarina. Com esta configuração, há necessidade de criação de núcleos setoriais que deverão suprir as necessidades locais e específicas dos diferentes Centros. Estabelecemos no ato da matrícula e da rematrícula, um formulário a ser preenchido onde o estudante autodeclara-se com deficiência e/ou especificidades educacionais, recebendo, logo depois, informações sobre a disponibilidade de apoio do NAE. Vale ressaltar que nosso modelo, para atender às exigências de legalidade, ainda possui características marcantes do modelo biomédico da deficiência, onde o diagnóstico é ponto de partida para o apoio. Em contrapartida, trabalhamos visando que a acessibilidade seja um direito assegurado pelo Estado, objetivando a integração física, social e psicológica da pessoa com deficiência em todos os espaços, tal qual preconizado pelo Modelo Social da Deficiência, onde cabe ao Estado tomar as medidas apropriadas para a identificação e a eliminação de obstáculos e barreiras à acessibilidade, que devem ser aplicadas no âmbito arquitetônico, informacional, em sistemas e meios de comunicação. Oportunizando a plena participação da pessoa com deficiência em todos os âmbitos da sociedade, garantindo-lhe o direito de escolha e de ser, com suas potencialidades e limitações, exercer sua cidadania. Para tanto, na tentativa de apropriação de um modelo diferenciado de conceber a deficiência e, conseqüentemente, de nos relacionar com as pessoas que vivenciam esta experiência, implementamos, paulatinamente, conceitos como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), objetivando o aprimoramento do apoio oferecido. Ainda na perspectiva do Modelo Social da Deficiência, entendemos que nossas ações são realizadas **com** os estudantes atendidos, não mais para ou por eles. Esta mudança de paradigma oportuniza um sistema de parceria em que as especificidades de cada estudante são norteadoras das ações implementadas, o que torna mais assertivo a distribuição dos recursos e, certamente, mais respeitosa, nossas intervenções.

Neste percurso, entre acertos, dificuldades, readequações, equívocos, percalços, como em qualquer trajetória que envolve elementos humanos, instituições, garantias legais e burocracias estabelecidas, exercitamos a flexibilidade e a criatividade na busca de solução para as questões tratadas. Para tanto, firmamos parcerias com Núcleos de acessibilidade de outras IES de Santa Catarina. Relacionamento que, durante o período da Pandemia da COVID 19 nos oportunizou aprendizados e trocas inestimáveis.

A pandemia trouxe consigo inúmeras mudanças para o ensino no Brasil. Os desafios foram intensos, seja na forma de aprender, como na forma de ensinar. Os métodos a serem utilizados precisaram ser repensados, a fim de vencer a distância trazida pelo isolamento social que nos foi imposto pela Covid 19.



Objetivando o registro das ações implementadas durante o período da Pandemia realizamos o projeto de pesquisa intitulado: “O NAE em tempos de pandemia: caminhos trilhados”. Para tanto, tivemos como objetivos específicos : Analisar os dados de estudantes autodeclarados para verificar a variabilidade nos números durante o período de 2020 a 2022.1; e, Identificar nos relatórios de gestão as ações realizadas durante este período. Detalharemos na seguinte seção o caminho metodológico percorrido.

CAMINHO PERCORRIDO: A METODOLOGIA UTILIZADA

Esta pesquisa realizou-se durante o primeiro semestre do ano de 2022 e foi desenvolvida em um trabalho colaborativo entre o NAE/PROEN e o Núcleo de Acessibilidade do CEAD/NAC. Para manter a coerência com a perspectiva teórica defendida e que buscamos implementar em nossas ações, a saber, o Modelo Social da Deficiência, desenvolvemos uma pesquisa mista, com dados quanti e qualitativos, tendo como princípios norteadores os Estudos Emancipatórios da Deficiência. De cunho documental, utilizando como instrumentos os relatórios de gestão e os dados sobre estudantes autodeclarados publicizados no site da UDESC. Ressalta-se que tais documentos são de livre acesso e preservam as informações pessoais dos estudantes atendidos.

O termo Investigação Emancipatória da Deficiência surge em 1992, a partir do pesquisador Michael Oliver e pode ser definida como “a capacitação das pessoas com deficiência através da transformação das condições materiais e sociais de produção da investigação” (BARNES, 2003, p. 6). Nesta proposta há quatro princípios básicos indissociáveis: o modelo social da deficiência enquanto perspectiva teórica, uma ciência comprometida com as lutas das pessoas com deficiência, a responsabilidade do investigador/pesquisador com os sujeitos da investigação e metodologias/técnicas de pesquisa que captem a complexidade real e que valorize a voz das pessoas com deficiência. (MARTINS et al, 2012). Desta forma, a presente pesquisa se configura como um espaço representativo das lutas anticapacitistas e, conseqüentemente, objetiva, através da publicização dos seus achados, a busca por justiça social.

Desde o início da implementação do NAE observamos uma oscilação crescente nos dados dos estudantes autodeclarados, no entanto, durante os 2 primeiros semestres da pandemia, período em que a UDESC instituiu o ensino remoto não houve mudanças significativas nestes dados. No entanto, a partir de 2021.2 o percentual do número de estudantes cresceu em 6% e em 2022.1 em 8%. Quando acessamos os dados, discriminando entre estudantes calouros e veteranos, ou seja, dados obtidos no ato das matrículas e das rematrículas, percebemos que o

aumento foi igualmente significativo. Observando os números e os acontecimentos de cada período é possível constatar que o aumento aconteceu devido ao retorno ao ensino presencial. Para melhor entendimento deste resultado, verificou-se que a adoção do ensino remoto, mesmo que tendo trazido inúmeros desafios, tanto para os docentes quanto para os estudantes vinculados à cursos presenciais, também oportunizou algumas acomodações estratégicas que, vindo ao encontro de especificidades educacionais, favoreceu o aprendizado e qualificou o processo vivido. Dentre elas, citamos a gravação das aulas que aconteciam no ambiente virtual de aprendizagem Moodle e que poderiam ser revistas sempre que os estudantes julgassem necessário. Outra mudança foi a diversificação de estratégias de avaliação, que também aconteciam no Moodle, com variantes entre trabalhos colaborativos, individuais e provas com tempos e materiais diferenciados.

Um dado relevante refere-se à forma de entrada na UDESC, durante a pandemia foram utilizados o ENEM e seleção por nota final do Ensino Médio, dispensando o Vestibular. Essa mudança no sistema avaliativo oportunizou o acesso a estudantes que antes tinham o vestibular, caracterizado como único processo seletivo, como barreira de entrada. Ou seja, esta informação nos leva a entender que a utilização de provas, das diferentes áreas, como entrada no Ensino Superior, mesmo que tendo garantido as questões de acessibilidade necessárias aos candidatos que requererem, ainda se configura como uma barreira elitista e, conseqüentemente, segregadora.

Outro instrumento utilizado nesta pesquisa foram os relatórios semestrais de gestão do Núcleo. Neles encontramos, de forma detalhada, as ações realizadas, as adequações propostas e a atuação consistente no apoio tanto aos estudantes autodeclarados, como aos professores que, inseguros no processo, buscaram estratégias para superar as dificuldades vivenciadas. Para tanto, o NAE adotou estratégias tecnológicas (WhatsApp, telefone e vídeo chamadas) para o atendimento aos estudantes (muitos em Centros distantes de Florianópolis), o que garantiu a continuidade dos acompanhamentos, bem como a acolhida daqueles que vieram em busca de apoio.

Também se estabeleceu uma parceria profícua entre as IES de Santa Catarina e de outros Estados do Brasil, promovendo a troca de estratégias/experiências vivenciadas frente a realidade imposta pela pandemia. Durante este processo de trocas com outras IES, estaduais e federais, algumas questões se tornaram evidentes e repetitivas. Entre elas a questão do aumento do número de estudantes com distúrbios emocionais, entre eles a depressão, a ansiedade, a síndrome do pânico, o estresse e a fobia social que trazem inúmeras dificuldades educacionais e relacionais para o espaço da Universidade e, que teoricamente, não estão categorizados no

público alvo a que nos destinamos atender. Assim como, outros casos sem o diagnóstico necessitando de atenção e de encaminhamentos. Durante o período da pandemia o Nae, assim como os Núcleos de Acessibilidade setoriais, estenderam o acompanhamento a todos estes casos, considerando a sobrecarga do sistema de saúde e a conseqüente inviabilidade de consultas médicas específicas com neurologistas, psiquiatras, psicólogos. Mas aqui, ressalta-se que o âmbito do apoio oferecido pelo Núcleo de Acessibilidade nesta IES se restringe ao pedagógico, ou seja, à busca de estratégias, técnicas, recursos que possam minimizar os impactos que tais questões, que estão associadas à saúde (psíquica, mental ou emocional), possam infringir sobre o processo de aprendizagem desses estudantes.

Foi possível perceber que a manutenção da qualidade no atendimento/apoio oferecido aos estudantes vinculados ao Núcleo de Acessibilidade só foi possível porque houve um engajamento consistente entre as coordenações dos núcleos setoriais, do Núcleo central, da PROEN e dos professores envolvidos, apontando para a importância das parcerias e do trabalho colaborativo.

A Pandemia evidenciou fragilidades em todas as instituições: as famílias que com a necessidade de gerenciar o risco de contágio, com a necessidade de sustento, inúmeras vezes, se desestruturaram, o sistema de saúde que não absorveu as demandas surgidas no âmbito das questões emocionais e psicológicas, o sistema educacional que precisou se readaptar, no que tange à metodologias e estratégias pedagógicas, trazendo inseguranças e desacomodando um modelo de ensino desenvolvido sob as mesmas estratégias e os mesmos recursos durante muito tempo. Mas também apontou para todos os envolvidos que é possível encontrar novas formas de resolver velhos problemas, se a criatividade for aliada à responsabilidade e ao desejo de superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi proposta visando o registro das ações realizadas pelo NAE durante um período pandêmico e que exigiu, de todas as IES, adequações e encaminhamentos ágeis e assertivos. Afinal, acredita-se na premissa de que um serviço de acessibilidade, pautado numa perspectiva de atuação mais próxima do modelo social, deve ser mais potente no acolhimento das necessidades dos estudantes e no fortalecimento dos diferentes espaços das instituições, para que a vida acadêmica dos estudantes com deficiência esteja em igualdade de oportunidades com seus colegas. Fato comprovado nesta análise.

Esta investigação explicitou a característica orgânica impressa na estrutura do Núcleo foco da pesquisa que, acompanhando as mudanças e adequações do ensino na UDESC frente

às demandas impostas pela pandemia, mantém o apoio aos estudantes. Outro resultado evidenciado refere-se ao aumento na procura ao apoio do NAE pelos estudantes, alguns já autodeclarados, outros com especificidades recentemente surgidas, apontando para a visibilização de um grupo de estudantes que, apesar de fazer parte do contexto universitário, mantinha, até então, suas especificidades educacionais gerenciadas de forma pessoal, muito provavelmente, sobrecarregando o processo de aprendizagem, fato que comprova o caráter elitista e pouco acolhedor do Ensino Superior. Foi percebido também que a ansiedade com o retorno as atividades presenciais é um dado que propõe uma investigação mais aprofundada sobre os processos emocionais que permeiam esse tema e conseqüentemente influem nas práticas educacionais vigentes.

Portanto, os resultados desta pesquisa apontam para novas possibilidades de atuação dos Núcleos de Acessibilidade visando o fortalecimento e a ressignificação deste espaço que tem na sua essência o compromisso de promover as condições de acesso, permanência e sucesso do processo vivido pelos estudantes com deficiência no Ensino Superior, atendendo às premissas propostas na Política Nacional da Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.

Quiçá, possamos acreditar que, como fruto deste processo, tenhamos contribuído ainda mais para que a universidade pública possa cumprir com maior excelência seu compromisso social de se tornar um espaço de produção de conhecimento acessível e acolhedor a todos, indistintamente, em um processo em que as diferenças individuais agregam valor e contribuem significativamente superando o individualismo e a exclusão.

Palavras-chave: Núcleo de Acessibilidade, Estudantes com Deficiência, Pandemia da COVID 19.

REFERÊNCIAS

- BARNES, Colin. What a difference a decade makes: reflections on doing ‘emancipatory’ disability research. **Disability & Society**, Milton Park, v. 18, p. 3-17, 2003.
- Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil_03/LEIS/2002/L10436.htm>.
- MARTINS, B. S. et al. A emancipação dos estudos da deficiência. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 98, p. 45-64, 2012.